

CRÔNICA

Luís Augusto Mendonça luis@linhadireta.com.br

O violão, o amigo e a saudade

Começo dos anos de 1980, eu e o eterno dono deste espaço semanal no CB, Paulo Pestana, o Paulinho, trabalhávamos na Rádio Nacional, que funcionava no velho e surrado barracão branco ao lado do então novíssimo Venâncio 2000. Lá, funcionava uma casa de pão de queijo e a Discoteca do Nenci, brilhante radialista e produtor musical.

Chamei o Paulinho para comprar um violão e os livrinhos com todo o bê-á-bá dos iniciantes na loja. Escolhi um Di Giorgio, maravilhoso, que me custou quase todo o salário. Ainda no caixa, perguntei: “Você não vai escolher o seu?” E Paulinho, fazendo cara de paisagem, respondeu: “Vou esperar um pouco, mês que vem, se der, eu compro.”

Pois bem, me matriculei e cheguei a ir às três ou quatro primeiras aulas. Cinco meses depois, vendi o Di Giorgio para o Paulinho por menos da metade do preço. Passados uns 30 anos, na varanda da Dona Zelinda, enquanto Paulinho dedilhava alguns acordes no agora velho, mas bem cuidado violão, perguntei a ele por que não comprou o instrumento naquele dia em que fomos à loja do Nenci.

Com aquele jeito manso, Paulinho se ajeitou na cadeira e foi direto: “Luisinho, você é muito impulsivo. Eu tinha certeza que toda aquela onda musical não ia durar, e que um dia você iria me oferecer o violão novinho pela metade do preço.” Fato é que nem cheguei a abrir os manuais com as cifras e marcações.

No último fim de semana, o jornalista e amigo Heraldo Pereira me enviou a mensagem: “Estou no Parole”. Para quem não conhece, trata-se de uma resiliente casa italiana, do chef Juvêncio, numa garagem de barco do Clube do Congresso, orla do Lago Norte. De lá, se contempla o mais lindo pôr do sol de todo o quadrado.

Pois bem, chegando lá, estavam Dona Zelinda, o filho, Pedro Pestana, e a

Cecília Maia, esposa do Heraldo. Após algumas doses e um belo filé à Parmegiana, recitei *Amigo*, de Roberto e Erasmo Carlos, e contei a história do violão. Para minha agradável e emocionante surpresa, Dona Zelinda,

com lágrimas nos olhos, me olhou cheia de ternura:

— Luisinho, querido, você não vai pagar nada. O violão do meu marido é todo seu. Tenho certeza de que ele está aproveitando tudo isso lá de cima.

Querido “Drummond”

(você sempre será, para mim, a versão do Planalto desse poeta da terra de JK), continue inspirando e iluminando a vida de todos nós.

Fique com Deus, meu irmão!

